

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO CLIMATÉRIO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE

Nursing Care in Climacteric in Primary Health Care

Atención de Enfermería en el Climaterio en la Atención Primaria de Salud

Francisca Flávia Campos Silveira

Enfermeira. Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar. flavinhampos15@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-4590-9982>

Maria Juliete Maia Gomes Ribeiro

Enfermeira. Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar. juliete_gomesenfermagem@hotmail.com. <https://orcid.org/0009-0008-4649-6749>

Ayane Cristine Alves Sarmento

Farmacêutica. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. ayane_cris@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-9131-1952>

Táís Leandra Ferreira dos Santos

Enfermeira. Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar. Enf.taisls@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-6783-5721>

RESUMO

O climatério é uma fase na vida da mulher que marca a transição da fase reprodutiva para a não reprodutiva, acompanhada por mudanças físicas e emocionais até a menopausa. Isso ocorre devido à diminuição da função ovariana e da produção hormonal, diminuindo o fim da vida reprodutiva. Trata-se de uma fase fisiológica da mulher que carece de uma atenção sistematizada e holística pelos profissionais enfermeiros que atuam na porta de entrada do SUS. Dessa forma, o objetivo deste estudo é discutir sobre os conhecimentos dos enfermeiros na atenção básica a respeito do período climatério. Para tal, foi realizado um estudo estatístico descritivo de abordagem quantitativa, realizado no município de Tenente Ananias/RN com quatro enfermeiros atuantes das Unidades Básicas de Saúde. A coleta de dados se deu por meio de um questionário semiestruturado com perguntas fechadas e abertas sobre os conhecimentos acerca do climatério e assistência dos enfermeiros a este público. Os dados foram analisados utilizando o Microsoft Excel e foram submetidos a análise estatística com base na variável quantitativa. Os resultados deste estudo indicam uma falta de conhecimento por parte dos profissionais sobre o climatério. Além disso, destacamos a escassez de capacitações oferecidas pelos serviços e um conhecimento moderado em relação às intervenções a estas usuárias. Conclui-se que é essencial investir em capacitação para os profissionais de saúde, a fim de prestar uma assistência de qualidade a este público e desmistificar e ressignificar esta etapa da vida da mulher.

Palavras-chave: Enfermagem; Saúde; Climatério; Atenção Primária à Saúde.

ABSTRACT

The climacteric is a phase in a woman's life that marks the transition from the reproductive to the non-reproductive stage, accompanied by physical and emotional changes leading up to menopause. This occurs due to a decrease in ovarian function and hormone production, signaling the end of the reproductive lifespan. It is a physiological phase for women that requires systematized and holistic care from nursing professionals working at the entry point of the SUS (Brazilian Unified Health System). Thus, the objective of this study is to discuss the knowledge of nurses in primary health care regarding the climacteric period. To this end, a descriptive quantitative statistical study was carried out in the municipality of Tenente Ananias/RN with four nurses working in Basic Health Units (UBS). Data collection was performed using a semi-structured questionnaire with closed and open questions about the nurses' knowledge of the climacteric and their care for this population. The data were analyzed using Microsoft Excel and subjected to statistical analysis based on the quantitative variable. The results of this study indicate a lack of knowledge on the part of professionals regarding the climacteric. Furthermore, we highlight the scarcity of training offered by services and only moderate knowledge regarding interventions for these users. It is concluded that it is essential to invest in training for health professionals to provide quality care to this population and to demystify and reframe this stage of a woman's life.

Keywords: Nursing; Health; Climacteric; Primary Health Care.

1 INTRODUÇÃO

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019 traz que a expectativa de vida das mulheres brasileiras é entre 79,9 anos, levando em conta a idade que a mulher vivencia o climatério, pode afirmar-se que a mulher passa mais de um terço da vida nesta fase (Campos; Santos; Martins, 2021; Pinheiro, 2020).

A população brasileira está envelhecendo rapidamente, é estimado que em 2060 ocorrerá um aumento de 25,5% (58,2 milhões) da população idosa. Em 2018, segundo o IBGE, a estimativa de mulheres idosas no Brasil era de 8,6% (IBGE, 2019; Cepellos, 2021).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a fase do climatério não é algo patológico e sim fisiológico, que é caracterizada pela transição da fase reprodutiva para a não reprodutiva da mulher. Em conformidade com o Ministério da Saúde (Brasil, 2016), o climatério inicia-se por volta dos 40 anos e se cumpre geralmente aos 65 anos.

A sintomatologia do climatério, é acompanhada por mudanças físicas e emocionais que percorre até o período da menopausa, consequência da diminuição da função dos ovários e consequentemente da produção hormonal, significando o fim da vida reprodutiva da mulher. Alguns sintomas são os fogachos, perda de libido consequente da baixa dos hormônios, estresse, insônia, mudanças na pele e menstruação irregular, logo, sendo visto por essas mulheres como uma patologia (Souza *et al.*, 2022a).

Os sintomas mais fortes desta fase estão ligados principalmente a queda dramática dos níveis de hormônios do corpo da mulher, causando ciclos menstruais irregulares, mudanças psicológicas, físicas e sociais (Dorneles; Fontana; Zimmermann, 2019). Assim sendo, a Terapia de Reposição Hormonal (TRH) é mais recomendada e utilizada pela medicina moderna para tratamento destes sintomas, porém as Práticas Integrativas e Complementares (PICS) ou Medicina Tradicional Complementar (MTC) também possuem uma grande eficácia (Brasil, 2008).

A utilização das PICS vem avançando e sendo cada vez mais conhecida nos últimos anos, e tem mostrado benefícios nos tratamentos não farmacológicos, indo contra todo o modelo biomédico ainda conservado (Brasil, 2008). As PICS têm o objetivo de cuidar do indivíduo integralmente, proporcionando o contato médico-paciente, o que contribui para uma atenção interdisciplinar para com a saúde dos indivíduos (Pinheiro *et al.*, 2021).

Segundo o Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa (Brasil, 2008), diversas mulheres passam despercebidas nesta fase, sem apresentar queixas, sintomas ou usar

qualquer medicamento. Já outras mulheres, têm a manifestação de vários sintomas que variam na diversidade, intensidade e frequência.

Ainda assim, em ambos os casos é necessário que haja neste ciclo da vida, uma atenção sistematizada e de qualidade por parte dos profissionais, visando o diagnóstico precoce, promoção à saúde, tratamento imediato e prevenção de possíveis agravos que possam surgir. No entanto, o que vemos nos serviços é o tratamento baseado nas patologias, sendo insuficiente na terapêutica de forma holística, deixando a mulher carente de orientações e ações de promoção à saúde (Santos *et al.*, 2022).

O enfermeiro, como integrante da equipe interdisciplinar, é um dos principais profissionais da saúde diante destas demandas, ao qual conduz o Processo de Enfermagem (PE) como parte integrante da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), para obter uma visão holística do quadro clínico das pacientes e conseguir prestar um serviço qualificado e sistematizado, considerando as suas singularidades (Ribeiro; Goés, 2021).

Em uma pesquisa realizada em Recife/PE em 2021, mostrou que apenas um escore 2,71 de enfermeiros mais jovens possuíam conhecimento sobre o climatério, uma vez que se trata de uma das políticas mais antigas. Entre os gêneros entrevistados, ambos demonstraram em torno de 50% de conhecimento com o climatério, mostrando que supor que as mulheres teriam um domínio maior sobre o assunto é um mito (Andrade *et al.*, 2022).

Diante disso, é notório que os profissionais de saúde possuem um conhecimento escasso e não estão preparados para essas demandas, seja cientificamente ou nas habilidades para prestarem um atendimento humanizado e de qualidade para as climatéricas (Crivelaro, 2020).

Assim sendo, é imprescindível que os gestores promovam ações de educação permanente para os profissionais, porém o que é percebido o contrário do que diz a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (PNEPS), pois pouco se vê incentivo, ações ou muito menos a oferta de capacitações para os trabalhadores aprenderem sobre o atendimento em climatério (Melo; Silva; Giotto; 2019).

Em uma pesquisa qualitativa realizada por Banazeski *et al.* (2021) foi apontado pelos participantes o problema da falta de formação dos profissionais de saúde frente ao climatério, sendo algo não como um problema de esfera municipal, mas sim do Ministério da Saúde, sendo o órgão que produz diretrizes voltadas para a saúde da mulher, visto que os profissionais sentem falta das capacitações.

Consequentemente, as intervenções de saúde diante destes casos acabam sendo voltados para a medicalização moderna com o uso de reposição hormonal generalizado e eliminando outras formas mais saudáveis de tratamento como alimentação saudável, prática de exercícios físicos, uso de fitoterapia, acupuntura, auriculoterapia e dentre outros tipos de tratamento que estão presentes na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), porém pouco conhecidas e implementadas (Banazeski *et al.*, 2021).

O presente trabalho justifica-se pela importância científica de abordar uma temática voltada para a saúde da mulher, além do número escasso de pesquisas voltadas para essa temática e com sua esporádica menção nos serviços de saúde, tendo em vista que o número de mulheres neste período de climatério só cresce e é um dos públicos que mais buscam atendimento. Nesse sentido, a proposta é fazer uma reflexão do quão o domínio do climatério pelos profissionais de saúde é necessário para prestar uma assistência qualificada para as usuárias no Sistema Único de Saúde (SUS) (Souza *et al.*, 2022b).

Além destas lacunas que geraram a oportunidade de realizar o estudo, existe a motivação pessoal da autora que percebeu durante a graduação a pouca visibilidade do tema, inclusive nas aulas ministradas, o que culminou no interesse de conhecer mais a fundo e entender a abordagem do tema nos serviços.

Diante disso, torna-se fundamental discorrer como ocorrem os processos nesse período do climatério e discutirmos sobre a assistência prestada a esse público. Para tanto, questionamentos surgem acerca do papel do enfermeiro e quais as contribuições desses profissionais através de suas ações. Sendo elas imprescindíveis, temos a questão norteadora: quais os conhecimentos dos enfermeiros na assistência às mulheres no climatério na Atenção Primária à Saúde?

Na pesquisa traçamos como objetivo geral, discutir sobre os conhecimentos dos enfermeiros na atenção básica a respeito do período climatério. E como objetivos específicos, identificar os conhecimentos dos profissionais de enfermagem na assistência às mulheres climatéricas, conhecer a organização das unidades frente a este público e capacitações trazidas pelos serviços e por fim, dialogar acerca das intervenções frente às queixas mais prevalentes no período do climatério.

2 MÉTODO

O presente trabalho trata-se de um estudo estatístico descritivo de abordagem quantitativa, realizado no município de Tenente Ananias/RN, distante 415 km de distância da capital Natal. De acordo com o censo do IBGE (2022) a população residente no município era de 10.262 habitantes, com área territorial de 224 km² e densidade demográfica de 45,88 hab/km² (IBGE 2022).

O cenário da pesquisa foi composto por 02 Unidades Básicas de Saúde (UBS) na zona urbana, sendo elas: UBS João Bosco Mendes Sarmento e Unidade Maria Aparecida de Assis Silva. E 03 UBS na zona rural, UBS José de Mizaél, Posto de Saúde Poço de Açude e Centro de Saúde Vila Mata São Braz.

Os participantes desta pesquisa foram enfermeiros que atuam nas Unidades Básicas de Saúde da cidade de Tenente Ananias/RN, visto que estes são os principais protagonistas na implementação da política da saúde da mulher, além de sua proximidade com as práticas referentes à saúde desse grupo em específico.

Como critérios de inclusão foram determinados: A) Enfermeiros que exercem atividades assistenciais na UBS; B) Está trabalhando há pelo menos três meses na UBS. Em contrapartida os critérios de exclusão são: A) Está fazendo uso da licença prêmio, férias ou qualquer tipo de afastamento durante o período de coleta de dados.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário semiestruturado que foi desenvolvido a partir do Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa (Brasil, 2008) com perguntas fechadas e abertas. O questionário conta com um conjunto de perguntas sobre os conhecimentos acerca do climatério, prática dos enfermeiros a este público, condutas dos profissionais frente às queixas relatadas, capacitações sobre a temática em suas respectivas graduações, educação permanente e tratamentos indicados para minimizar a sintomatologia.

As entrevistas foram agendadas pessoalmente com alguns enfermeiros e outros por via *Whatsapp*, e o momento da coleta de dados foi realizado em maio de 2023, de maneira presencial, em uma sala consultiva de enfermagem ao final do expediente da UBS, garantindo o conforto e sigilo das informações, com duração entre 10 a 20 minutos.

No momento da pesquisa foi explanado ao participante os riscos e benefícios da entrevista e entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e posteriormente entregue o questionário. Após a coleta dos dados, os mesmos foram armazenados na planilha *Microsoft Excel*, analisados estatisticamente de acordo com a variável quantitativa e os resultados foram apresentados em tabelas e gráficos.

O estudo seguiu as normas éticas estabelecidas para pesquisa envolvendo seres humanos nas Resoluções nº 466 de 12 de dezembro de 2012 e 510 de 7 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (CEP/UERN), sob número de parecer 5.968.804 e CAAE 67009222.8.0000.5294.

3 RESULTADOS

A amostra inicial consistiu em cinco enfermeiros em pleno exercício de suas atividades nas UBS. No entanto, um deles, ao atender aos critérios de exclusão, não participou da pesquisa, resultando em um efetivo de quatro enfermeiros que contribuíram ativamente para a coleta de dados

Na Tabela 1, está caracterizada a amostra do estudo conforme os aspectos sociodemográficos. Dos enfermeiros entrevistados, 50% (2) eram do sexo masculino e 50% (2) do sexo feminino, distribuídos igualmente entre as faixas etárias de 36 a 40 anos e 41 a 46 anos, todos possuem mais de 10 anos no cargo atual 100% (4), sendo 50% (2) graduados entre 6 a 9 anos e 50% (2) há mais de 10 anos.

Observa-se que a maioria 75% (3) não possui outro vínculo trabalhista e que 25% (1) além de trabalhar na Atenção Básica (AB), é contratado pelo Estado do Rio Grande do Norte (RN). Sobre as especializações dos entrevistados, apenas 01 enfermeiro possui pós-graduação em Saúde da Família 25% (1), outros possuem em outras especialidades 50% (2) e 25% (1) não possui nenhuma pós-graduação.

Tabela 1 - Perfil dos enfermeiros das Unidades Básicas de Saúde selecionadas para a pesquisa. Pau dos Ferros (RN), Brasil – 2023.

Variáveis	nº	%
Idade		
36 a 40 anos	2	50%
41 a 46 anos	2	50%
Sexo		
Feminino	2	50%
Masculino	2	50%
Tempo de serviço no cargo atual		
10 anos acima	4	100%
Tempo de graduação		
6 a 9 anos	2	50%
10 anos acima	2	50%
Outro vínculo trabalhista		
Sim	1	25%

Não	3	75%
Titulação		
Esp. em saúde da família	1	25%
Esp. em outras áreas	2	50%
Apenas graduação	1	25%
Mestre	0	0%
TOTAL	4	100%

Fonte: elaboração própria (2023).

Na Tabela 2, em relação ao conhecimento dos enfermeiros sobre o climatério, 25% (1) o consideram erroneamente como uma fase patológica. Dentre os entrevistados, 75% (3) relacionam o climatério à menopausa, afirmando que sempre apresenta sintomas.

Desse grupo, 25% (1) associam o climatério ao aumento do estrogênio, enquanto 100% (4) concordam que causa irregularidades menstruais, com 75% (3) indicando possível amenorrea por mais de 12 meses. Todos os participantes 100%, (4) afirmam que o climatério impacta a vida social, mental e física das mulheres.

Tabela 2 - Distribuição dos dados coletados a respeito do conhecimento dos enfermeiros sobre o Climatério. Pau dos Ferros (RN), Brasil – 2023.

	SIM	NÃO
Climatério é uma fase patológica da vida da mulher?	25%	75%
Climatério é sinônimo de menopausa?	75%	25%
O Climatério sempre se manifesta de forma sintomática?	75%	25%
O climatério ocorre devido ao aumento do estrogênio?	25%	75%
A mulher sofre alterações ou irregularidade no ciclo menstrual durante a fase do climatério?	100%	
A mulher pode apresentar amenorréia por mais de 12 meses?	75%	25%
O climatério pode afetar a forma social, psicológica e física da vida de uma mulher?	100%	

Fonte: elaboração própria (2023).

Na Tabela 3, referente às ações educativas e capacitações sobre climatério, 75% (3) dos enfermeiros afirmam conduzir ações de saúde para esse público, enquanto 100%, (4) negam a realização de capacitações específicas na unidade. Metade 50%, (2) dos entrevistados realizou capacitações sobre climatério, enquanto a outra metade 50%, (2) não o fez. Na graduação, 75% (3) estudaram a temática, enquanto 25% (1) não tiveram essa abordagem.

Tabela 3 - Distribuição dos dados coletados sobre ações educativas, educação permanente e capacitação/aperfeiçoamento dos enfermeiros sobre o climatério. Pau dos Ferros (RN), Brasil.

	SIM	NÃO
São realizadas ações em saúde para as mulheres climatéricas/menopausadas?	75%	25%
A unidade proporcionou capacitações para a equipe sobre o climatério?		100%
Você já fez alguma capacitação/aperfeiçoamento sobre o climatério?	50%	50%
Na sua graduação esta temática foi abordada?	75%	25%

Fonte: elaboração própria (2023).

Sobre a TRH, 100 % (4) dos entrevistados afirmaram que não era indicada para todas as mulheres. Acerca da existência de outros cuidados além da TRH no climatério, 25% (1) não respondeu à pergunta e 75% (3) dos profissionais responderam que existiam outros tratamentos, e citaram os seguintes tratamentos: *Uso de lubrificantes, alimentação a base de produtos naturais que ajudem a repor esses hormônios, dentre outros. Alimentação e acupuntura.*

Adiante, 75% (3) afirmaram conhecer as PICS, e 25% (1) relataram não conhecer. Observa-se que 50% (2) dos entrevistados afirmaram que existem PICS em suas respectivas unidades, sendo citado a *Acupuntura* por um dos participantes 25% (1) e negada a existência desta modalidade no restante das unidades 50% (2). Por fim, 100% (4) afirmam que as PICS são recomendadas no tratamento do climatério, como é mostrado na Tabela 4.

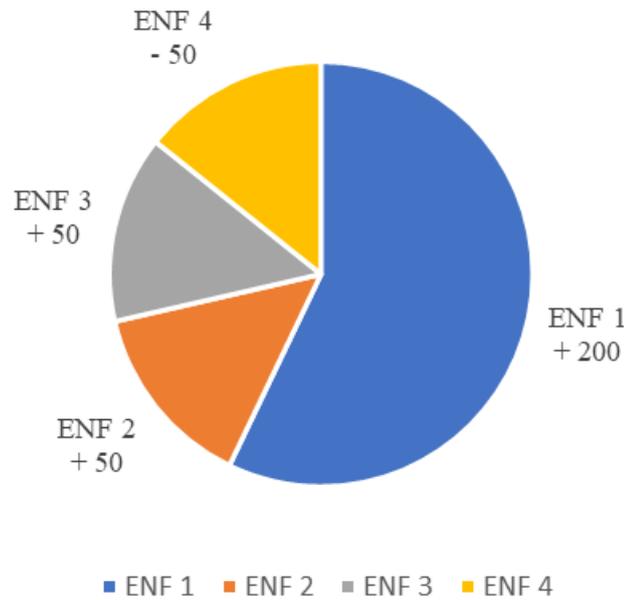
Tabela 4 - Distribuição dos dados coletados sobre PICS e TRH. Pau dos Ferros (RN), Brasil.

	SIM	NÃO
A reposição hormonal é indicada para todas as mulheres?		100%
Existem outros cuidados que podem ser adotados além do uso dos hormônios? Quais?	75%	
Você sabe o que é PICS?	75%	25%
A unidade dispõe de PICS? Qual modalidade?	50%	50%
As PICS são recomendadas no tratamento do climatério?	100%	

Fonte: elaboração própria (2023).

No que diz respeito ao quantitativo de mulheres entre 45 e 65 anos atendidas em cada UBS mensalmente, 50% (2) afirmaram atender -50 mulheres, 25% (1) afirmou atender +50 e 25% (1) atende +200 conforme apresentado no Gráfico 1, abaixo.

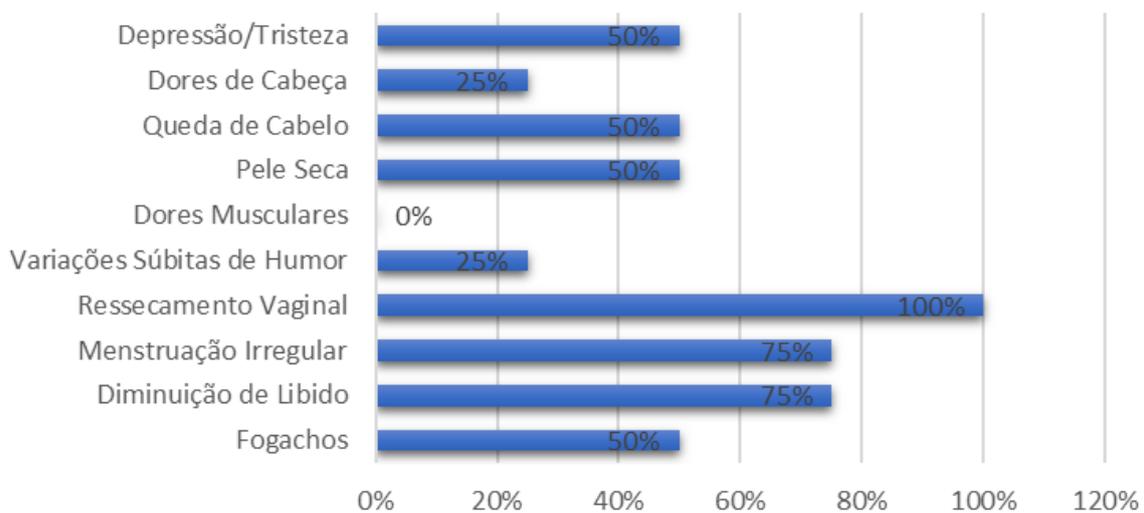
Gráfico 1 - Distribuição dos dados coletados sobre quantitativo de mulheres atendidas pelas UBS. Pau dos Ferros (RN), Brasil.



Fonte: elaboração própria (2023).

Na coleta de dados, questionou-se sobre os sintomas mais relatados pelas pacientes durante as consultas, 50% (2) relataram fogachos, 75% (3) a diminuição da libido, 75% (3) menstruação irregular, 100% (4) ressecamento vaginal, 25% (1) variações súbitas de humor, 0% (0) dores musculares, 50% (2) pele seca, 50% (2) queda de cabelo, 25% (1) dores de cabeça, 50% (2) depressão/tristeza, como explicitado no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Distribuição da sintomatologia relatada pelas mulheres climatéricas segundo os enfermeiros. Pau dos Ferros (RN), Brasil – 2023.



Fonte: elaboração própria (2023).

Perante o exposto, nas discussões serão trazidos diversos autores que darão embasamento e sustentação aos resultados identificados. Então, para uma melhor clareza do leitor, optou-se por organizar as discussões em (2) duas categorias, sendo elas Climatério e Educação Permanente, seguindo o raciocínio dos objetivos específicos.

4 DISCUSSÕES

O climatério é definido como uma fase de transição do período reprodutivo para o não reprodutivo da vida da mulher. Já a menopausa, é caracterizada após 12 meses ininterruptos de amenorréia, desse modo, trata-se de um momento que ocorre dentro do período do climatério e que muitas vezes é confundido com o mesmo (Brasil, 2016).

Neste estudo, foi possível identificar falhas quanto ao conhecimento do climatério, e principalmente a sua associação à menopausa. Tal fato, que também foi identificado em uma pesquisa realizada no município de Pesqueira/PE com as enfermeiras atuantes na AB, referente às informações sobre o climatério (Campos *et al.*, 2022). Logo, contribuindo para o aumento da insegurança destas mulheres e a progressão de possíveis agravos devido a prestação de serviços carentes. Pois a ausência de uma abordagem esclarecedora e precisa sobre o climatério pode contribuir para a subestimação dos sintomas por parte das mulheres, resultando em diagnósticos inadequados e tratamentos ineficazes.

Relativo às alterações fisiológicas, os resultados apontaram lacunas quanto a compreensão sobre a diminuição do estrogênio nesta fase, além do surgimento dos sinais e sintomas, visto que, é exposto pela maioria dos entrevistados que se trata de um momento que sempre se manifesta de forma sintomática nas pacientes. Santos *et al.*, (2021) mostra que uma das principais características do climatério é a diminuição do estrogênio e consequentemente da produção hormonal, sinalizando o encerramento da vida reprodutiva da mulher.

Cada mulher vivencia esta fase de acordo com suas particularidades, podendo apresentar sintomatologias ou não, porém, estes sintomas além de estarem associados ao declínio hormonal, ele pode estar ligado diretamente às condições sociodemográficas, como escolaridade, aspectos psicossociais, etnia/raça e renda familiar (Campos; Santos; Martins, 2021).

O climatério pode ser visto como o início do envelhecimento, o que para muitas mulheres pode ser acolhido de forma positiva ou negativa. A escassez de informação sobre

este momento prejudica a aceitação, a vivência e o manejo desta fase, afetando diretamente e negativamente na autoestima destas mulheres, prejudicando muitas vezes seu convívio familiar, conjugal e social.

No tocante aos aspectos psicológicos da mulher no período do climatério, é comum que muitas mulheres experimentem sentimentos de depressão e tristeza. Esta manifestação pode ser desencadeada pelo distanciamento ou perda de pessoas especiais, a impossibilidade de engravidar, o que amplia os sentimentos de negação, inseguranças, que levam a lamentações e sofrimentos da mulher de meia-idade, que é referente a exigências impostas pela sociedade (Silva; Dias; Oliveira, 2019a). Os resultados desta pesquisa corroboram com a observação realizada neste estudo, onde os profissionais afirmam, considerando as particularidades do climatério, que esta fase afeta as mulheres de forma física, social e psicológica.

Logo, abordar as lacunas no conhecimento sobre o climatério é crucial não apenas para corrigir equívocos conceituais, mas também para promover uma prestação de cuidados de saúde mais abrangente e sensível às necessidades específicas das mulheres climatéricas.

Sendo assim, é necessário o enfermeiro realizar a SAE, mediante ao PE nas consultas de enfermagem, com o intuito de ocorrer uma assistência organizada, integral e eficiente, com o foco nos processos que estejam causando mais impacto na saúde das usuárias (Santos *et al.*, 2022). Implementar uma SAE durante as interações com os pacientes não só aprimora a qualidade do cuidado proporcionado, mas também oferece uma abordagem mais precisa e personalizada, adaptada às demandas específicas dos indivíduos. Pois, é por meio dela que o enfermeiro consegue identificar de maneira precisa as necessidades das mulheres que atravessam o período do climatério, proporcionando uma assistência mais eficaz e centrada no paciente.

De acordo com nossas discussões, percebe-se que ainda existem falhas quanto à distribuição de informações às mulheres no tocante ao climatério (Tabela 3), o que se configura indubitavelmente de suma importância, agindo os enfermeiros com ações voltadas à prevenção e promoção de saúde dentro da UBS. Uma vez que, esses profissionais atuam também como educadores, pois é através da educação em saúde que são estabelecidos vínculos, entre pacientes e profissionais, o que colabora na compreensão do climatério, além de fomentar o autocuidado para um envelhecimento saudável (Cogo *et al.*, 2021; Santos *et al.*, 2021).

No entanto, é perceptível na prática dos serviços que a maioria das ações ofertadas são

direcionadas ao período reprodutivo do público feminino, como o rastreio do câncer de colo de útero, câncer de mama e período gestacional, sendo negligenciado por parte dos profissionais momentos voltados para o envelhecimento feminino e suas fases (Campos *et al.*, 2022). Este padrão é respaldado pelo nosso achado, revelando que apenas um profissional enfermeiro atende mais de 200 mulheres mensalmente, destacando uma ênfase significativa nas ações voltadas para o público feminino.

Considerando a falta de conhecimento das pacientes, como citado anteriormente, faz-se necessário por parte dos profissionais atuarem com acervo de conhecimento suficiente para melhor orientar as usuárias acerca do período climatérico, o que contribuirá em ações preventivas, possibilitando autonomia mediante ao vínculo formado, resultando em uma assistência humanizada, o que levará a um processo com menos desconfortos (Cardoso *et al.*, 2022).

Ademais, a educação em saúde permite que o enfermeiro possa trabalhar com a adesão das pacientes aos exercícios físicos, regulação do sono, importância de seguir uma alimentação saudável, orientação psicológica, orientação sobre sexualidade, além de buscar práticas terapêuticas recomendadas, o que irá permitir que a paciente vivencie o climatério com melhor qualidade de vida (Martins *et al.*, 2021).

Portanto, compreende-se que a capacitação destes profissionais por meio da educação permanente para com as equipes configura-se como uma lacuna, uma vez que essa troca de saberes oportuniza a atualização de protocolos e uma assistência qualificada a esse público. Corroborando com Banazeski (2021), que traz em seu estudo que os enfermeiros não se sentem seguros para realizar uma abordagem de forma integral a estas mulheres, devido a falta de capacitação e atualização dos protocolos.

A Portaria GM/MS nº 1.996, de 20 de agosto de 2007 determina sobre as diretrizes para a implementação da PNEPS e conceitua a educação permanente como um meio de aprendizagem no ambiente de trabalho, onde é assimilado o aprender e o ensinar dentro das organizações de saúde, podendo transformar as práticas profissionais incentivando e determinando autoconfiança no cuidado ofertado (Brasil, 2009).

Paralelo a isso, há de se refletir também sobre a formação dos enfermeiros que se dá a partir das graduações e pós graduações, neste estudo parte dos entrevistados negaram a realização de capacitações/aperfeiçoamento sobre o climatério, e que na graduação esta temática não foi discutida, ressaltando a necessidade da análise das grades curriculares para

uma melhor preparação desses futuros profissionais para uma prestação de cuidado integral para mulheres em todas as fases, inclusive que estão vivenciando o climatério.

Mediante os resultados e as discussões encontradas entre o climatério e a educação permanente, desenvolvemos também ideias de intervenções para melhor explorar os nossos achados, sendo assim entendemos que para obter um cuidado integral é necessário que o profissional domine o conhecimento sobre a terapêutica de tratamentos específicos dos sintomas decorrentes do climatério. Desse modo, a mulher tem papel ativo na escolha do melhor tratamento para sua vida, cabendo ao profissional explicar informações sobre as alternativas existentes e que auxiliem a vivenciar da melhor forma esta fase (Ali; Ahamed; Small, 2020).

A TRH é um tratamento que consiste no uso de hormônios estrógenos e progestágenos, que visam reduzir e tratar alguns dos sintomas do climatério, como os fogachos, insônia, dores musculares, dores articulares, humor depressivo e entre outros. Além de auxiliar no desejo sexual e renovação da pele. Atualmente, a TRH encontra-se disponível nos serviços com várias formas de administração, como pomadas, géis, sprays, comprimidos e adesivos. Porém, ainda que seja um método mais indicado e utilizado, existem controvérsias nos estudos científicos sobre os riscos e benefícios da TRH para mulheres que estão no climatério (Silva *et al.*, 2019b).

Os riscos implicados durante seu uso são o risco ao câncer de mama, câncer de endométrio e trombose venosa profunda. Nesse sentido, a TRH deve ser adotada de forma singular, respeitando as necessidades de cada mulher e direcionada à fase em que ela se encontra (Sourouni *et al.*, 2021). Desta forma, concluímos que a TRH não é indicada para todas as mulheres, e que o profissional deve buscar outras alternativas de tratamento para estas usuárias.

Outra alternativa para o tratamento dos sintomas climatéricos são as PICS, que utilizam de recursos terapêuticos onde estimulam os mecanismos naturais de prevenção aos agravos e recuperação a saúde, através de tecnologias eficientes e seguras valorizando a escuta acolhedora o que promove um vínculo médico-paciente e a adaptação do ser humano com o meio em que vive (Brasil, 2015).

Contudo, a partir dos dados coletados, nota-se um desconhecimento por parte dos profissionais sobre a existência de outras terapêuticas e sobre as PICS, evidenciando o despreparo para realizar uma assistência eficiente a estas usuárias. Sobre outros tipos de

terapêuticas, apenas um enfermeiro citou o uso de Acupuntura e os demais trouxeram a alimentação saudável e o uso de lubrificantes como alternativa para o tratamento.

Corroborando com estes achados, alguns autores salientam sobre a prática regular de exercícios físicos em conjunto com uma alimentação saudável, pois estas atividades garantem um melhor condicionamento físico, além de impactar sobre diversos aspectos da vida destas mulheres e diminuir a sintomatologia do climatério. Ademais, estimula um melhor autocuidado, promovendo a autoestima e melhorando seu bem estar geral (Albuquerque *et al.*, 2019; Vieira *et al.*, 2018).

Durante este período é observada a baixa lubrificação na região íntima, que pode afetar e comprometer diretamente a vida sexual destas mulheres, podendo causar dispareunia. Para reduzir desconfortos, cabe ao profissional enfermeiro orientar sobre a prática do sexo seguro, saudável, e oferta de lubrificante íntimos (Guerra *et al.*, 2019).

Rodrigues *et al.* (2023), traz em seu estudo que o uso de acupuntura, auriculoterapia e moxaterapia auxilia na melhora dos sinais e sintomas do climatério, evidenciando que estas práticas trazem tantos benefícios quanto o tratamento convencional de reposição hormonal, além de diminuir consideravelmente o risco de efeitos colaterais, por não fazer uso de fármacos.

Neste contexto, notamos um número expressivo de mulheres atendidas mensalmente, conforme demonstrado no Gráfico 1. Destaca-se que alguns enfermeiros lidam com uma quantidade de atendimentos até quatro vezes superior à média dos demais profissionais entrevistados. O que fortalece o fato de que as mulheres procuram mais os serviços de saúde que os homens, uma vez que historicamente os homens estavam associados à imagem de força e à percepção de seres que raramente adoecem, enquanto as mulheres eram estereotipadas como o sexo frágil e cuidadoso (Szwarcwald *et al.*, 2020).

Segundo o IBGE (2020), as mulheres constituem a maioria de toda população brasileira somando mais de 98 milhões, e são as principais usuárias do SUS, seja para seu próprio atendimento ou acompanhamento de familiares, totalizando 50,77% da população brasileira. A partir disso, é necessário refletir se estas mulheres estão sendo assistidas e contempladas de forma holística e necessária no período do climatério.

Relacionado aos sintomas mais comuns nesta fase (Gráfico 2), os sintomas relacionados ao sistema geniturinário, como ressecamento vaginal (100%), menstruação irregular (75%) e diminuição da libido (75%), apresentaram-se segundo os enfermeiros, como os mais corriqueiros nas consultas de enfermagem.

Estas alterações são decorrentes da diminuição dos níveis de estrogênio e progesterona, uma vez que ocorrem modificações na hipófise e hipotálamo, que acaba desregulando a produção dos hormônios folículo estimulante (FSH) e luteinizante (LH), como também o liberador de gonadotrofina (GnRH), levando a atrofia vulvovaginal (Hirschberg et al., 2020).

Nessa perspectiva, chama-se atenção para a falta de compreensão dos parceiros diante desta fase, levando a possíveis termos de relação e a abusos sexuais dentro dos relacionamentos, por não haver desejo sexual por parte da mulher. Colaborando com o surgimento dos sintomas de caráter psicológico como a depressão/tristeza (50%), variações súbitas de humor (25%).

Em seguida, destacam-se os sintomas vasomotores, os fogachos (50%), e por fim, dores de cabeça (25%), queda de cabelo (50%) e pele seca (50%). Silva, Quaresma e Carvalho (2022c) trazem os sintomas vasomotores e urogenitais como os principais sintomas que fazem as mulheres irem em busca de atendimento médico. Além de serem as principais queixas indicativas de uso da TRH.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, os resultados deste estudo evidenciaram o conhecimento limitado a respeito do climatério por parte dos profissionais de enfermagem. Logo, existe a necessidade de implantação e implementação de estratégias específicas para as mulheres que estão passando por este período. Pois, como é discutido neste trabalho, a saúde da mulher é um campo de atuação abrangente e complexo, que exige do profissional dedicação total em todas suas fases, sejam elas reprodutivas ou não, de forma totalmente integral e humanizada.

Ademais, apurou-se a necessidade de capacitação e incentivo dos enfermeiros para a realização de ações voltadas para este público, que podem ser realizadas por meio da educação permanente. Paralelo a isso, mostra-se útil e essencial, diante do grande número de mulheres atendidas pelo município nesta fase, a discussão sobre a criação de protocolos municipais que orientem e encoraje as práticas profissionais, objetivando a oferta de serviços de qualidade e efetivos.

Vale ressaltar que este estudo apresentou limitações quanto a literatura com poucos estudos publicados sobre esta temática, dificultando a divulgação de informações como também políticas públicas que qualifiquem o atendimento destas mulheres, ou que

evidenciem orientações e instruções para que elas possam lidar com as mudanças do climatério.

Desta forma, sugere-se novos estudos voltados a saúde da mulher climatérica e reitera-se que a autora retornará ao município, a fim de divulgar os achados e possivelmente prosperar com novos estudos, pois, acredita-se que a continuidade destes achados não contribuirá apenas com o avanço dos conhecimentos sobre o climatério, como também para fornecer insights importantes que possam contribuir para a melhoria das práticas de saúde e do bem-estar das mulheres.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Geyslane Pereira Melo de; ABRÃO, Fátima Maria da Silva; ALMEIDA, Ana Maria de; et al. Quality of life in the climacteric of nurses working in primary care. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 72, n. 3, p. 154-161, dez. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0306>. Acesso em: set. 2022.

ALI, Amira Mohammed; AHMED, Afaf Hassan; SMAIL, Linda. Psychological Climacteric Symptoms and Attitudes toward Menopause among Emirati Women. **International Journal Of Environmental Research and Public Health**, Basel, v. 17, n. 14, p. 5028, 13 jul. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph17145028>. Acesso em: ago. 2022.

ANDRADE, Ângela Roberta Lessa de; PONTES, Alice Fonseca; SILVA, Beatriz Caetano da; et al. Conhecimento do Enfermeiro da Atenção Primária à Saúde sobre Sexualidade no Climatério. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 11, n. 3, p. 10011326244, 14 fev. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i3.26244>. Acesso em: jul. 2022.

BANAZESKI, Ana Claudia; LUZARDO, Adriana Remião; ROZO, Ana Júlia; et al. Percepções de enfermeiros sobre a atenção ao climatério. **Revista de Enfermagem Ufpe On Line**, Recife, v. 15, 10 jan. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5205/1981-8963.2021.245748>. Acesso em: jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2008. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_atencao_mulher_climaterio.pdf. Acesso em: jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf. Acesso em: jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em:

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_educacao_permanente_saude.pdf. Acesso em: jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde; INSTITUTO SÍRIO-LIBANÊS DE ENSINO E PESQUISA. **Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolos_atencao_basica_saude_mulheres.pdf. Acesso em: jul. 2022.

CAMPOS, Chirlene de Souza; SANTOS, Ana Maria Pujol Vieira dos; MARTINS, Maria Isabel Morgan. Sintomas do climatério/menopausa em mulheres ribeirinhas na Amazônia. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 531-546, 24 nov. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-901x.2021v24i1p531-546>. Acesso em: ago. 2022.

CAMPOS, Poliana Ferreira; MARÇAL, Maria Eduarda Almeida; ROCHA, Luanna dos Santos; et al. Climacteric and menopause: knowledge and conduct of nurses working in Primary Health Care. **Rev. Enferm. UFSM, Santa Maria**, v. 12, p. 41, 30 ago. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/2179769268637>. Acesso em: jul. 2023.

CARDOSO, Rosane Barreto; CALDAS, Célia Pereira; BRANDÃO, Marcos Antônio Gomes; et al. Healthy aging promotion model referenced in Nola Pender's theory. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 75, n. 1, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0373>. Acesso em: abr. 2023.

CEPELLOS, V. M. Feminização do envelhecimento: um fenômeno multifacetado muito além dos números. **Revista de Administração de Empresas [Online]**, São Paulo, v. 61, n. 2, p. 1-7, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020210208>. Acesso em: out. 2022.

COGO, Silvana Bastos; SILVA, Laís Mara Caetano da; DONEL, Carine Rieger; et al. Educação em saúde com idosos ativos: relato de ações de extensão. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 2, p. 5724, 11 fev. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25248/reas.e5724.2021>. Acesso em: ago. 2022.

CRIVELARO, Patrícia Maria da Silva; POSSO, Maria Belén Salazar; GOMES, Paulo César; et al. Consulta de enfermagem: uma ferramenta de cuidado integral na atenção primária à saúde. **Brazilian Journal Of Development**, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 49310-49321, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv6n7-542>. Acesso em: ago. 2022.

DORNELES, Amanda; FONTANA, Júlia; ZIMMERMANN, Carine. Padrão hormonal feminino na menopausa: parâmetros laboratoriais e consequências inestéticas. **Revista Saúde Integrada**, Rio Grande do Sul, v. 12, n. 24, p. 92-107, 2019. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/287230275.pdf>. Acesso em: out. 2022.

GUERRA, Geraldo Edson Souza; CALDEIRA, Antônio Prates; OLIVEIRA, Fernanda Piana Santos Lima de; et al. Quality of life in climacteric women assisted by primary health care. **Plos One**, São Francisco, v. 14, n. 2, p. 0211617, 27 fev. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0211617>. Acesso em: abr. 2023.

HIRSCHBERG, Angelica Lindén; SÁNCHEZ-ROVIRA, Pedro; PRESA-LORITE, Jesús; et al. Efficacy and safety of ultra-low dose 0.005% estriol vaginal gel for the treatment of

vulvovaginal atrophy in postmenopausal women with early breast cancer treated with nonsteroidal aromatase inhibitors: a phase ii, randomized, double-blind, placebo-controlled trial. **Menopause**, Filadélfia, v. 27, n. 5, p. 526-534, 10 fev. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1097/gme.0000000000001497>. Acesso em: maio 2023.

IBGE. **Censo Demográfico**. Brasília, DF: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: maio 2023.

MARTINS, Maria Vitória Figueiredo; ROSA, Giovanna Andrade; NEGREIROS, Amanda Fialho; et al. Uso de Terapia de Reposição Hormonal para Prevenção de Doenças Cardiovasculares na Pós-menopausa: uma revisão sistemática / use of hormone replacement therapy to prevent postmenopausal cardiovascular diseases. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 6, p. 64276-64289, 29 jun. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv7n6-690>. Acesso em: set. 2022.

MELO, Antônio de Almeida Costa; SILVA, Elania Pereira da Cruz; GIOTTO, Ani Cátia. Assistência da enfermagem à mulher no climatério na atenção básica de saúde. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 2, n. 4, p. 213-218, 2019. Disponível em: <https://revistasfasesenaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/260>. Acesso em: 20 abr. 2023.

PINHEIRO, Filipa; COSTA, Eleonora. Menopause: predictors of marital satisfaction. **Psicologia, Saúde & Doença**, Lisboa, v. 21, n. 02, p. 322-342, jun. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15309/20psd210208>. Acesso em: mar. 2023.

PINHEIRO, Larissa Kerlly Costa; SOUZA, Tânia Beatriz Gaspar de; SANTOS, Nailde Melo; et al. Práticas integrativas e complementares: uma estratégia na promoção da saúde da mulher. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 17, p. 87101718147, 21 dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i17.18147>. Acesso em: out. 2022.

RIBEIRO, Leonardo Lima; GÓES, Ângela Cristina Fagundes. Processo de trabalho de enfermeiras na consulta ginecológica. **Revista Enfermagem Contemporânea**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 51-59, 30 mar. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3378rec.v10i1.3334>. Acesso em: mar. 2023.

RODRIGUES, Rute Ester Jardim Marcolino; REZENDE, Hanstter Hallison Alves; BRIDI, Vanessa; et al. Acupuntura no tratamento do climatério. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, Málaga, v. 16, n. 8, p. 8593-8612, 2 ago. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.55905/revconv.16n.8-023>. Acesso em: out. 2023.

SANTOS, Carmem Lúcia dos; FERREIRA, Larissa Geovana dos Anjos; FRANÇA, Vinícius Gabriel Costa; et al. A percepção da mulher com relação à consulta do climatério. **Nursing**, São Paulo, v. 25, n. 285, p. 7204-7221, 18 fev. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36489/nursing.2022v25i285p7204-7221>. Acesso em: out. 2023.

SANTOS, Elísia Campos dos; PIUZANA, Elisa Dall'Orto Figueiredo; HIBNER, Maria Eugênia Rezeck Braga; et al. Qualidade de vida e sintomas climatéricos em mulheres de meia-idade que não estão em uso de terapia hormonal. **Revista Interdisciplinar Ciências Médicas**, v. 5, n.

1, p. 2-7, 2021. Disponível em:

<https://revista.fcmmg.br/index.php/RICM/article/view/113/109>. Acesso em: set. 2023.

SILVA, Marlucci Guedes da; DIAS, Mayara Silva; OLIVEIRA, Marcela Pereira. O período climatério sob ótica da mulher. **Revista Saber Digital**, v. 12, n. 1, p. 29–38, 2019. Disponível em: <https://revistas.faa.edu.br/SaberDigital/article/view/723>. Acesso em: out. 2023.

SILVA, Matheus Moura da; BUENO, Rayssa Gabrielle Pereira de Castro; MACIEL, Maria Simone Pereira; et al. Evidências contemporâneas sobre o uso da terapia de reposição hormonal. **Revista Brasileira de Revisão de Saúde**, São Paulo, v. 2, p. 925–969, 2019. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/1269>. Acesso em: ago. 2023.

SILVA, Sthefany Souza; QUARESMA, Thiago Rodrigues; CARVALHO, Mariana de Sousa Ribeiro de. Análise do intervalo entre a primeira consulta de pacientes apresentando sintomas climatéricos e a prescrição de tratamento em um centro de referência do Pará. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 11, n. 14, p. 311111436344, 28 out. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i14.36344>. Acesso em: set. 2023.

SOUROUNI, Marina; ZANGGER, Martina; HONERMANN, Livia; et al. Assessment of the climacteric syndrome: a narrative review. **Archives of Gynecology and Obstetrics**, Berlim, v. 304, n. 4, p. 855-862, 6 jul. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s00404-021-06139-y>. Acesso em: out. 2023.

SOUZA, Cicera Eduarda Almeida de; SOARES, Cicero Denilson Aurélio; CAETANO, Belkise da Silva; et al. Climate and menopause. **Health and Society**, v. 2, n. 01, 2 mar. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.51249/hs.v2i01.667>. Acesso em: out. 2023.

SOUZA, Cicera Eduarda Almeida; SILVA, Raylton Aparecido Nascimento; SILVA, Fábio José Antônio da; et al. Diagnóstico precoce do climatério na atenção primária de saúde. **Health and Society**. Editora Acadêmica Periodicojs, v. 2, n. 2, 2022. ISSN: 2763-5724. Acesso em: out. 2023.

SZWARCWALD, Célia Landmann; STOPA, Sheila Rizzato; DAMACENA, Giseli Nogueira; et al. Mudanças no padrão de utilização de serviços de saúde no Brasil entre 2013 e 2019. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 2515-2528, jun. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232021266.1.43482020>. Acesso em: out. 2023.

VIEIRA, Tereza Maria Mageroska; ARAÚJO, Cristiane Richter de; SOUZA, Elvira Carvalho da Silva de; et al. Vivenciando o climatério: percepções e vivências de mulheres atendidas na atenção básica. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 40-45, 2018. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1084/443>. Acesso em: out. 2023.